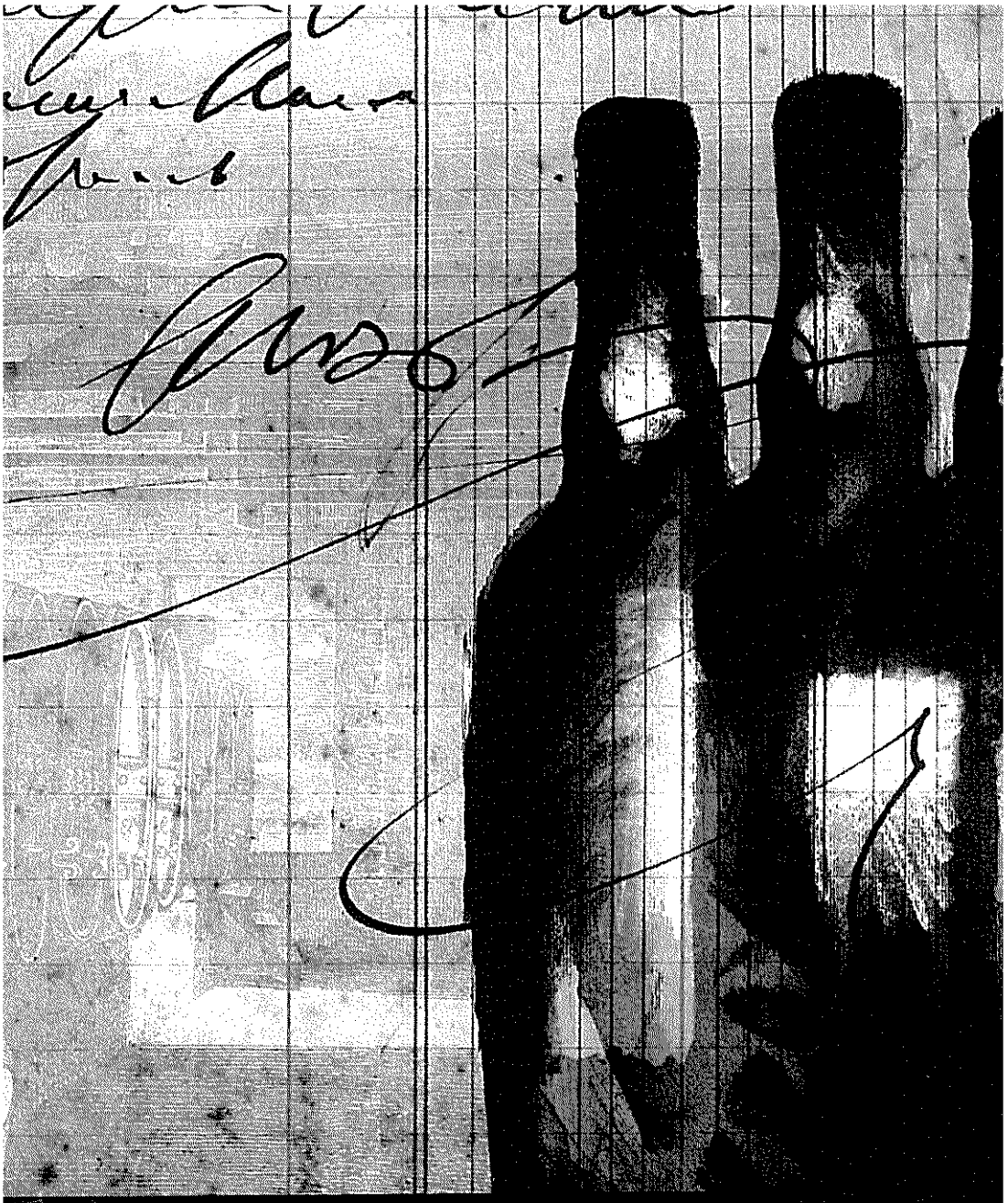


O VINHO DO PORTO EM GAIA & COMPAN

Título
O Vinho do Porto em Gaia & Companhia

Coordenação
Fernando de Sousa

Co-edição
CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade / Edições Afrontamento
Rua do Campo Alegre, 1055 – 4169 -004 Porto
Telef.: 22 609 53 47
Fax: 22 543 23 68
E-mail: cepese@cepese.pt
www.cepese.pt

Edições Afrontamento
Rua de Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto
Telef.: 22 507 42 20
Fax: 22 507 42 29
E-mail: geral@edicoesafrontamento.pt
www.edicoesafrontamento.pt

Capa: Da Companhia, Design de Comunicação, Lda.

Execução gráfica: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira

Tiragem 500 exemplares

Depósito legal n.º 236281/05

ISBN Edições Afrontamento 972-36-0809-X

ISBN CEPESE 972-99070-4-8

Impresso em Dezembro de 2005

O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E O FENÓMENO DO VINHO DO PORTO: RELAÇÕES E MOTIVAÇÕES

Lúcia Rosas
Francisco Queiroz
Ana Margarida Portela

O tema desta comunicação insere-se no projecto, aprovado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, designado *Património arquitectónico rural nos concelhos do Porto e Vila Nova de Gaia*[1].

Este projecto tem como objectivos a inventariação e o estudo das estruturas arquitectónicas existentes nos concelhos do Porto e Vila Nova de Gaia, que pontuam o espaço rural nos séculos XVIII e XIX, nomeadamente:

1 – Casas de lavoura e construções adjectivas, lagares e adegas, moinhos, azenhas, engenhos, fontes, pontes, mirantes e a sua relação com o espaço público, com o espaço reservado à exploração agrícola e com os povoados;
2 – A relação destes elementos, como partes constitutivas de núcleos rurais, com outros núcleos arquitectónicos da mesma época, quer sejam urbanos, industriais ou rurais, analisando a relação espacial e de expressão arquitectónica entre cada núcleo;
3 – Através do estudo levado a cabo nos dois pontos anteriores, conhecer melhor as sociedades que constituíram este habitat;
4 – Propor estratégias de salvaguarda e valorização de alguns dos elementos que sejam considerados mais relevantes e exemplificativos pela sua qualidade, singularidade, antiguidade, novidade, carácter de exemplo único, etc.

Nesta comunicação iremos somente fazer uma primeira abordagem aos itens 2 e 4.

No que diz respeito ao património arquitectónico ligado ao Vinho do Porto, que motiva o título desta comunicação, queremos chamar a atenção para o trabalho de investigação que vem sendo desenvolvido por Agustín Guimará[2]. Este autor tem vindo a propor uma análise dos portos que comercializam o vinho, através da sua situação e estabelecimento geográficos, comercialização viní-

A arquitectura dos armazéns, da habitação e da lavoura, a arquitectura religiosa e devocional, foram definindo em Vila Nova de Gaia uma morfologia urbana própria, que deverá ser estudada também em comparação com a morfologia urbana de outros portos ligados ao comércio do vinho.

Esta morfologia assume uma relação muito estreita com o fenómeno do Vinho do Porto sobretudo na área ribeirinha conhecida de antanho como *Vila Nova*, assim como no sopé do morro do Castelo de Gaia.

Todavia, a dependência socioeconómica do Vinho do Porto foi também bastante forte nas freguesias confinantes com Vila Nova de Gaia, especialmente desde os finais do século XVIII e até meados do século XX, ao ponto de ter sido factor fundamental para o surgimento de novos lugares habitados, mesmo que com vestígios arquitectónicos e de estruturação territorial bem diferentes daqueles que surgem na zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia.

Podemos dar o exemplo de um caso que foi já parcialmente estudado: o Lugar da Costa (freguesia da Madalena), onde a influência do fenómeno do Vinho do Porto foi tão evidente que o lugar praticamente assumiu-se como tal graças a muitas pequenas casas de trabalhadores de armazém, construídas sobretudo após o estabelecimento do apeadeiro de caminho de ferro a poucas dezenas de metros[3].

O caminho de ferro permitia um acesso rápido até às Devesas, que servia de estação ferroviária principal para as caves de vinhos. Contudo, mesmo antes do apeadeiro da Madalena ter sido criado, já neste emergente Lugar da Costa se notava uma prevalência de habitantes não directamente ligados à actividade agrícola. A influência do fenómeno do Vinho do Porto nota-se pelo facto da agricultura tradicional e suas características casas de lavoura não se terem aqui implantado de forma evidente. Indirectamente, o Vinho do Porto marcou a arquitectura e a morfologia do lugar, tendo mesmo estado na base do carácter progressista e não conservador dos seus habitantes, facto que ainda hoje se nota.

Ainda assim, foi na zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia que o fenómeno do Vinho do Porto mais condicionou a malha urbana. Não que tivesse sido a sua origem. De facto, o fenómeno do Vinho do Porto condicionou toda a morfologia e arquitectura do núcleo histórico de Vila Nova de Gaia num sentido bem diferente do que sucedeu em qualquer outro núcleo histórico português, facto que o torna singular, exigindo estratégias de reabilitação especificamente pensadas para o território em causa.

De facto, o núcleo histórico de Vila Nova de Gaia não é senão a união de dois núcleos: Gaia e Vila Nova. Gaia era a primitiva urbe altimedieval, cuja importância na época parece ter sido equivalente à do Porto. Porém, diversas causas históricas acabariam por favorecer a preponderância crescente do Porto em relação a Gaia. Ao contrário do que sucedeu em Gaia, o crescimento urbano foi evidente no Porto ao longo de todo a Baixa Idade Média. Não admira, pois, que – na margem sul – a estrada que dava acesso directo ao Porto sem passar

por Gaia deu origem à Vila Nova, vila esta favorecida pelo poder real como forma de contrapor o poder económico e administrativo dos Bispos do Porto.

Tudo isto significa, em traços largos, que Vila Nova nasceu como um arrabalde do Porto e,não como um arrabalde de Gaia. Ainda hoje não existe qualquer articulação de percursos entre o antigo núcleo urbano de Gaia e o antigo núcleo urbano de Vila Nova. O rio (e, hoje, a sua estrada marginal) é a única forma de comunicação entre os dois núcleos.

Em Vila Nova de Gaia existe um núcleo histórico que são, afinal, dois núcleos completamente distintos e sem estreitas relações entre si durante séculos, ao ponto de terem andado mesmo separados administrativamente. Ora, o elemento agregador destes dois núcleos urbanos de origem medieval (Gaia, com a sua origem urbana possivelmente ainda do período Romano), foi o fenómeno de edificação dos armazéns de vinhos.

Este fenómeno foi sobretudo forte a partir do século XVIII, com a criação da região demarcada do Douro. Um poder mais forte vai-se instalar numa área urbana depauperada: Gaia já estava completamente decadente há vários séculos e Vila Nova, se bem que tenha perdido a sua função inicial de contraponto ao poder dos Bispos do Porto, assumia alguma prosperidade sobretudo pelo facto de se situar no local onde desembocava a antiga estrada coimbrã de acesso ao Porto. De tal forma isso sucedia que o crescimento urbano de carácter residencial e comercial foi sendo feito na corda desta antiga estrada, no sentido do rio para sul.

Ora, as caves do chamado "Vinho do Porto" acabaram por inverter a tendência de evolução urbana ao longo da Rua Direita e antiga Calçada dos Ferradores. Mesmo assim, talvez não se possa falar em verdadeira evolução urbana em Vila Nova de Gaia na segunda metade do século XVIII, pois os armazéns de vinhos não eram espaços comerciais ou residenciais. Antes constituíram uma valência pré-industrial relacionada com um produto de elevado valor económico, dependendo estritamente do ambiente urbano do Porto – onde se situavam geralmente as sedes das sociedades de comércio de vinhos.

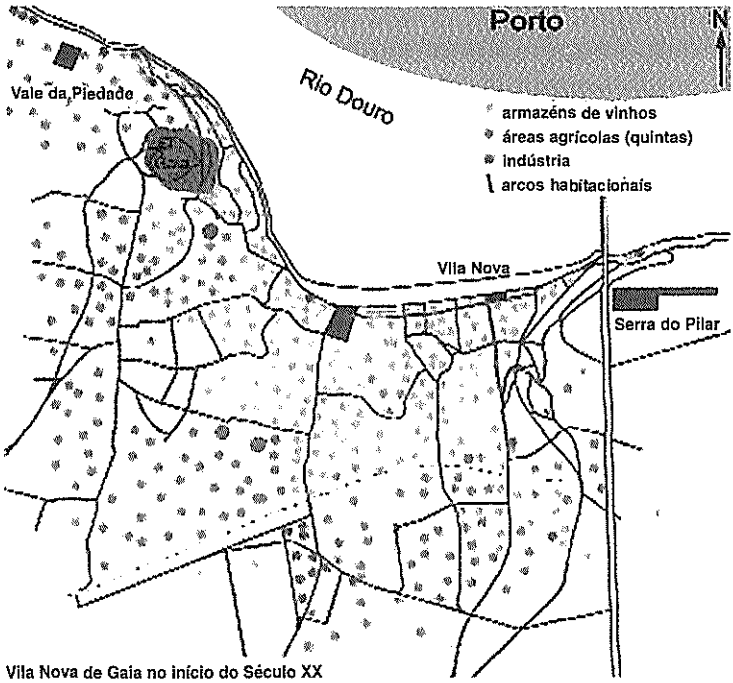
Este ligante ou "cimento urbano" que foram os armazéns de vinhos originou um núcleo urbano *sui generis*, sobretudo porque nunca pressupôs uma qualquer ligação orgânica entre os dois antigos núcleos de Gaia e Vila Nova. Os (poucos) percursos que se criaram de novo e os que já existiam e foram enfatizados, dirigiam-se sempre para o rio. As caves acabaram por ocupar os espaços vazios entre os dois núcleos urbanos primitivos, obliterando mesmo antigas servidões em zonas que estavam já despovoadas. Por outras palavras, os armazéns de vinhos condicionaram a malha urbana não propriamente através da promoção de novas ruas, mas pela eliminação de várias serventias públicas secundárias e pelo desvio de alinhamentos, mesmo em ruas com uma maior importância.

do Porto.

Em síntese, o núcleo histórico de Vila Nova de Gaia apresenta as seguintes singularidades:

- dois núcleos iniciais distintos e separados administrativamente durante séculos;
- um dos núcleos (Gaia) terá nascido como aglomerado urbano de origem castreja, o outro (Vila Nova) surge como arrabalde de um núcleo urbano situado na margem oposta;
- o núcleo urbano mais antigo acaba por ser suplantado em importância pelo referido arrabalde, ainda no fim da Idade Média;
- ambos os núcleos diluem-se depois num outro núcleo maior e mais difuso, com carácter não residencial e não comercial, constituído sobretudo por armazéns de vinhos e por indústrias associadas ao vinho: tanoaria, vidro, cortiça, destilação, etc.
- este núcleo maior e mais difuso é também fortemente marcado pela indústria cerâmica, sendo rodeado por várias quintas de recreio de gente abastada fixada no Porto;
- o que tornou os dois núcleos iniciais de Gaia e Vila Nova hoje quase indistintos foi o estabelecimento massivo de edifícios destinados ao armazenamento de vinho e a indústrias complementares. [fig. 1]

Figura 1



Vila Nova de Gaia no início do Século XX

Em suma, são as caves que tornam o núcleo histórico de Vila Nova de Gaia numa entidade una e indivisa, muito embora as caves não tenham implicado qualquer articulação entre os primitivos núcleos urbanos. Pelo contrário, abafaram-nos e secundarizaram-nos. Ora, nenhum outro núcleo histórico no país (e, provavelmente, no mundo) possui semelhantes características evolutivas. De facto, Vila Nova de Gaia não pode ser meramente classificado como um núcleo urbano portuário, pois a sua origem e evolução é bem mais complexa, como sucintamente demonstrámos.

A especificidade do núcleo histórico de Vila Nova de Gaia coloca problemas complexos de reabilitação integrada, de restauro e de conservação urbana, não só porque são raros os paralelos que podem ser encontrados de modo a servir de exemplo metodológico, mas também pelas suas próprias características intrínsecas:

- O estabelecimento dos armazéns de vinhos foi sendo feito nos vazios entre os dois núcleos iniciais – Gaia e Vila Nova – ao ponto de eliminar caminhos e casas de habitação anteriormente existentes, facto que ainda nos dias de hoje vem sucedendo, como se verificou durante as obras das caves Fonseca, que acabaram por obstruir um trecho da Rua da Fonte Nova (para além de um outro caminho antigo de acesso ao rio). [fig. 2]
- Os dois núcleos iniciais – Gaia e Vila Nova – não possuem articulação orgânica de percursos. Como já foi referido, apenas o Rio Douro e a respectiva marginal são uma via de comunicação comum. Os percursos orgânicos primordiais dirigem-se para o rio, mas o rio não é hoje devidamente vivenciado. Tal significa que – hoje – apenas a marginal possui algum potencial comercial no sentido clássico, sendo o eixo mais fácil de reabilitar. Efectivamente, tem-se assistido a vários projectos de reabilitação desta zona, mas tudo o resto encontra-se votado ao abandono.
- O actual núcleo histórico de Vila Nova de Gaia é um dos mais vastos do país e um dos mais desiguais em termos de propriedade: predominam grandes lotes, detidos por algumas empresas com poder económico. Contudo, aqui e ali existem vários núcleos habitacionais, onde vivem pessoas com poucos recursos.
- O grosso do edificado no núcleo histórico de Vila Nova de Gaia não é passível de função comercial. Este aspecto é crucial e condiciona todo o sentido da intervenção de Restauro Urbano a realizar nos anos futuros.

Apesar do ponto anterior, o núcleo histórico de Vila Nova de Gaia possui um potencial turístico enorme. Contudo, a principal oferta vale sobretudo como um conjunto.

A oferta turística que vale individualmente é algo periférica no núcleo his-

risco de forte descaracterização. [fig. 3]

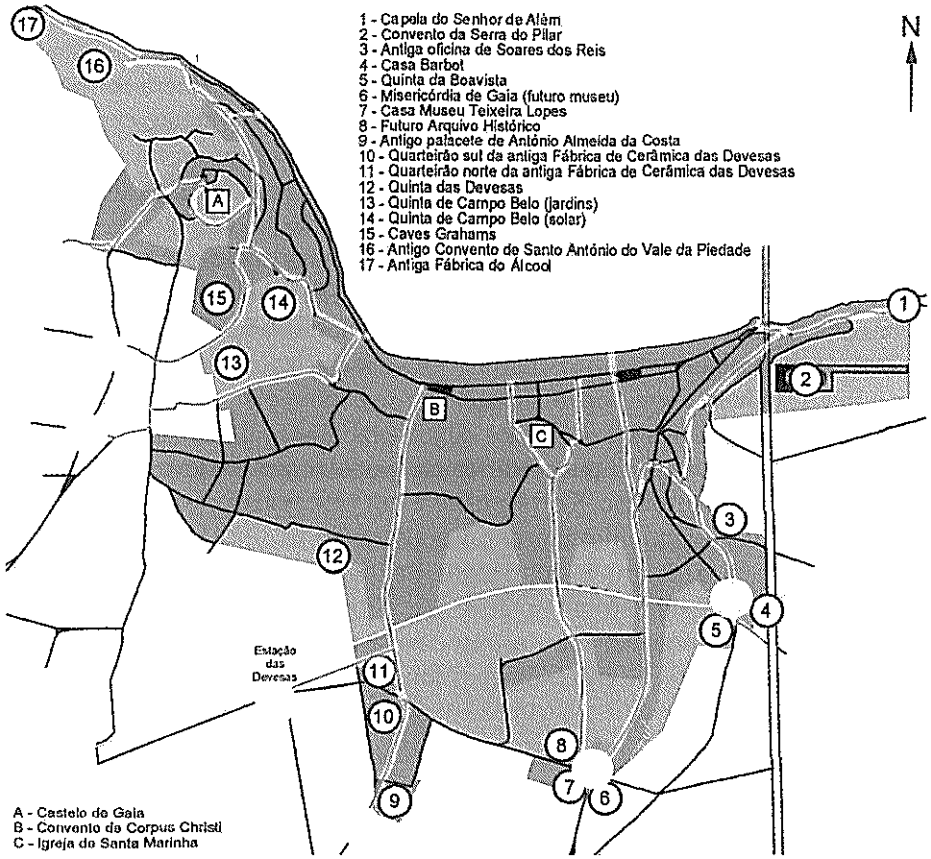
Figura 3 – Calçada das Freiras em meados do século XIX

Este último aspecto é fundamental para a elaboração de um plano estratégico específico de valorização e salvaguarda do núcleo histórico de Vila Nova de Gaia. Tal aspecto condiciona fortemente a viabilidade do núcleo histórico em termos de conservação urbana integrada, razão pela qual é muito importante a questão da delimitação do núcleo histórico com base na inclusão de pólos centrífugos de alto valor patrimonial[4]. Estes pólos existem, mas nem todos estão inseridos no núcleo histórico, nem todos se encontram devidamente estudados e, muito menos, classificados. Quase todos estão subaproveitados ou em risco de desaparecimento, como já anteriormente assinalámos. [fig. 4]

O MUNDO RURAL NO CONCELHO DE VILA NOVA DE GAIA

Se relativamente ao núcleo histórico de Vila Nova de Gaia, a situação é preocupante e está quase tudo por fazer, a situação relativamente aos vários núcleos históricos rurais que subsistem por todo o concelho é geralmente pior, ainda que o seu valor patrimonial como conjunto seja, na maior parte dos casos,

Figura 4 – Proposta de delimitação do núcleo histórico de Vila Nova de Gaia, com base em pólos periféricos de interesse patrimonial e no seus percursos convergentes para o Rio Douro.



claramente inferior. Contudo, a importância identitária que estes pequenos núcleos históricos rurais podem conferir ao território é substancialmente mais relevante. De facto, no concelho de Gaia, o desenraizamento do crescente volume de população e o seu carácter eminentemente suburbano acentuam o desinteresse de quem aqui vive pelo seu espaço: as referências perdem-se, a mancha urbana torna-se indistinta e a uma escala pouco humanizante.

Falta de visão e de qualificação de sucessivos responsáveis autárquicos e mesmo de técnicos, submissão a poderosos interesses económicos privados, ignorância e lacunas na formação cultural da população, fenómenos de migração dos estratos sociais mais favorecidos e consequente divisão dos velhos edifícios rurais em unidades de arrendamento destinadas a pessoas mais pobres; estes são alguns dos principais factores que nos últimos decénios têm permitido a desa-

por parte de historiadores e curiosos. Até mesmo ao nível das escolas do concelho, frequentemente o mundo rural, visto como algo em extinção, é tema proposto para trabalhos. Contudo, não só estes trabalhos são muito modestos no âmbito, como geralmente entendem o mundo rural como uma mera curiosidade impossível de integrar na vida actual, algo que não é inteiramente correcto.

Foi dentro deste contexto que se encarou a realização de um estudo de investigação sobre o património arquitectónico rural nos concelhos do Porto e Vila Nova de Gaia como algo de urgente e necessário.

O estudo das construções rurais tradicionais conheceu uma importante alteração nos últimos anos. Ao longo da década de 1980, começou a colocar-se a necessidade de abandonar os conceitos de atemporalidade e permanência que norteavam os trabalhos de investigação e de caracterização desta área. Os antigos tópicos tinham a sua origem no facto de se contemplar o popular como um mundo sem evolução, sem alterações, algo semelhante ao passado.

Actualmente admite-se que a construção popular sempre teve e tem os seus processos de transformação. Corresponde a um processo que experimenta uma evolução subtil ao longo do tempo e vai alterando as suas formas e funções, como altera a paisagem, num ritmo lento, limitado pelo peso das tradições[5].

A inventariação do Património deve ser, actualmente, qualitativa. O registo dos objectos patrimoniais, caso a caso, mesmo que inseridos em projectos temáticos, geográficos ou cronológicos, é insuficiente. A inventariação qualitativa, relacionando objectos patrimoniais diversos, será nuclear, para que, à acção de inventariar, possa seguir-se uma política de gestão patrimonial, fazer opções, conhecer os objectos em rede, no seu devir histórico, como um fenómeno constituído por realidades múltiplas.

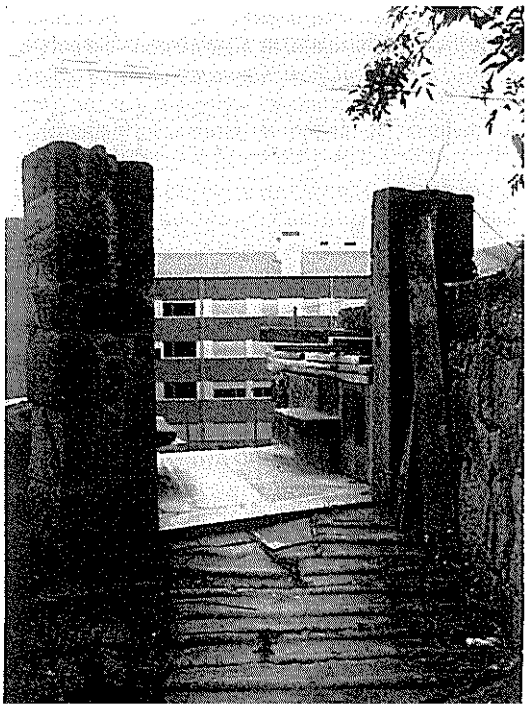
Já na "Carta para a tutela e a recuperação da arquitectura popular e da paisagem rural", de 1990[6], refere-se a unidade mínima de intervenção em âmbito rural (artigo 10.º). A Carta admite a modificação de uso dos conjuntos arquitectónicos antigos de origem rural – o que, aliás, seria forçoso em Gaia, dado o crescimento do fenómeno suburbano. Contudo, a Carta estabelece como necessário que não se comprometa a imagem arquitectónica e a estrutura original do habitat rural.

Neste particular aspecto, certos detalhes hoje negligenciados podiam ajudar a fazer a diferença no concelho de Vila Nova de Gaia: é de evitar a colocação de tapetes de asfalto em vias rurais de origem medieval com a largura padrão para a passagem de carros de bois. A permanência dos caminhos em terra não é a alternativa, mas sim um tipo de calçada que evoque os valores da actividade rural e que não colida com os materiais tradicionais usados nas casas antigas que ainda se posicionam ao longo das ruas. Estas mesmas casas, especialmente aquelas que, isoladamente, ou em conjunto, assumam um valor patrimonial relevante, devem ser recuperadas e restauradas, através do despojamento de objectos dissonantes (sinalética urbana inadequada, estores exteriores, etc.) e através da recolocação, avivamento ou desafogo de elementos característicos, como as portas fronhas, as epígrafes, os nichos devocionais, etc.).

Até aqui, este tipo de restauro só tem sido ocasionalmente feito por iniciativa dos próprios proprietários, sobretudo no caso destes utilizarem toda a unidade cadastral para sua habitação e possuírem um estatuto sociocultural elevado. As questões económicas e sociais não podem ser, pois, descuradas em todo este processo. Por outro lado, nota-se ainda a falta de legislação adequada sobre planos de salvaguarda e valorização de núcleos históricos rurais inseridos hoje em territórios suburbanos.

A elaboração destes planos deveria ser uma competência das autarquias. Porém, no caso do concelho de Gaia, a Câmara Municipal não tem ainda um planeamento adequado aos seus núcleos históricos rurais, até porque não os reconhece como tal, ignorando o seu valor, o seu significado e o seu potencial. O estudo que está agora em curso poderá vir a alterar esta situação, caso seja possível estabelecer uma articulação entre os resultados da investigação e a acção dos técnicos que intervêm na planificação do território, o que se afigura com problemático. Contudo, essa articulação será fundamental para que todo este processo de salvaguarda possa ter êxito. [fig. 5]

Figura 5 – Canelas, interessante passadiço com levada no Solar dos Condes de Resende. Mesmo pertencendo esta bela casa rural à autarquia, nenhum plano camarário foi capaz de estabelecer uma zona de protecção adequada às valências rurais de quinta, assistindo-se já ao avançar da suburbanização, com uma escala esmagadora para aquele objecto arquitectónico classificado.



1 Projecto aprovado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pelo POCTI (POCTI/HAR/47355/2002) e comparticipado pelo Fundo Comunitário Europeu (FEDER).

2 Agustín GUIMARÁ é investigador do CSIC – Madrid. Agradecemos ao autor o envio, em suporte electrónico, dos seguintes trabalhos: *Los Puertos del Vino en las Islas del Atlantico Iberico: (siglos XVIII-XIX)*; *El Vino y los Puertos de la Bahía de Cádiz (siglos XVIII-XIX)*. X Seminario de Estudios "Naves, puertos e itinerarios marítimos en la Edad Moderna", Valladolid, 2 al 6 de julio de 2001. Valladolid, Instituto Universitario de Historia Simancas /Istituto Italiano per gli Studi Filosofici de Nápoles; *Vinificación en los Puertos Atlanticos: Madeira a finales del siglo XVIII*. III Simpósio da Associação Internacional de História e Civilização da Vinha e do Vinho (Funchal, 5 a 8 de Outubro de 2003).

3 Cfr. QUEIROZ, Francisco / PORTELA, Ana Margarida, *A estrutura da propriedade*. "Santa Maria Madalena de Fermucia (Madalena – Vila Nova de Gaia). Subsídios para uma Monografia". Vol. 1, Junta de Freguesia da Madalena, 1997, p. 103-110.

4 Esta questão foi já abordada em QUEIROZ, Francisco, *A singularidade do núcleo histórico de Vila Nova de Gaia: estratégias para uma reabilitação sustentada*. Actas do "VIII Encontro Nacional de Municípios com Centro Histórico" (Porto, 23 a 25 de Outubro de 2003), em CD. Foi igualmente abordada em QUEIROZ, Francisco, *O núcleo histórico de Vila Nova de Gaia: estratégias de delimitação e de reabilitação no contexto de uma candidatura a Património da Humanidade*. "Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia", 9.º vol., n.º 56, Junho de 2003, p. 28-38. Destes dois trabalhos foram extraídos e adaptados alguns parágrafos que aqui se incluem, assim como a figura 4.

5 Cfr. Juan ORTIZ SANZ, Teresa REGO SANMARTÍN e Ignacio CAÑAS GERRERO, *La casa del corral: emblema de las construcciones agrarias tradicionales en Castilla y Léon*. S./l.: Junta de Castilla y Léon/Consejería de Agricultura e Ganadería, 2001, p. 13.

6 *La carta per la tutela e il recupero dell'architettura popolare e del paesaggio rurale* (1990). "Storia della città", 53, 1991. Esta Carta foi elaborada por um grupo de investigadores de várias universidades italianas, no âmbito da Associação Italiaviva, com a coordenação de Enrico Guidoni.